

UM DOCUMENTARIO PORTUGUES

NÃO sabemos donde vem o mal, nem que interêsse move certa gente em mutilar uma obra.

Há tempos, um operador português foi de longada até África. Precisemos: foi a Angola, com sua câmara de filmar, suas bobines de películas, suas disposições de trabalhar.

Chegado lá, assestou a sua objectiva à paisagem forte da região, perdeu tempo a manivelar, a construir um filme que deveria ser um completo documentário, e voltou à metrópole, sciente de que tinha feito obra acabada, digna de correr em todos os cinemas...

Não tratemos agora do filme propriamente dito. À Imprensa da especialidade já o viu correr em sessão privada, num salão lisboeta. Não importa, de momento, avaliar da sua estrutura, da sua unidade, do seu assunto, da sua fotografia.

O que nos leva a levantar um protesto, um brado de alarme, uma interrogação que ficará talvez sem resposta, e o facto iterativo de ver mais um documentário português fragmentado, cortado em bobines de cem metros, em outros tantos pequenos documentários incompletos, sem nexos — apenas para observância de uma lei...

O filme de que estamos tratando, pretendia mostrar-nos uma colónia, uma possessão «económica e monumental». Afirmam-no as legendas, só as legendas. Mas uma tesoura, pertencente não sabemos a quem — ao autor do filme?, à casa alugada? — mutilou tudo aquilo, e entendeu, por seu livre arbitrio, oferecer-nos um documentário único — em várias prestações. Resultado: o público ficou surpreendido ao ver apenas quatro aspectos de Angola, com dois grandes planos — um, de indígenas, outro de palmeiras — : qualquer coisa desequilibrada, rídica, humilhante, mesmo!...

Ora, se inicialmente o filme não cumpria o seu objectivo de nos mostrar uma colónia «económica e monumental», agora, depois de troncado, quebrado em pequenas parcelas de imagens, que valor terá?

Não sabemos — repetimos — donde vem o mal, nem que interêsse presidiu a semelhante mutilação. Se foi a gula comercial, quebraram o nariz; se foi o desejo de cumprir mesquinamente uma lei, esqueceram o público e menosprezaram o bom-senso.

Quando acabará este estado de coisas?